



A LINGUA DE SINAIS PARA OS SUJEITOS SURDOS: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE CULTURAL

Francisco de Acací Viana Neto (1); Francisco Ebson Gomes-Sousa (1)

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: acaci_vian@hotmail.com
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), E-mail: ebsongomess@gmail.com*

Resumo: Em diversos períodos da história os surdos sempre foram colocados à margem de diversos aspectos da sociedade, sejam eles educacionais, culturais e dentro outros, apenas vistos como incapazes de escolher, aprender ou mesmo pensar. Mas partir do final do último século houve mudanças significativas na forma de compreender suas características, que afetaram as propostas educacionais oferecidas a eles. Tendo em vista isso, este estudo tem como objetivo fazer uma reflexão acerca da importância da língua de sinais para os surdos numa perspectiva da inclusão e de formação de identidade do surdo. Com tal propósito, fizemos um levantamento bibliográfico na investigação da trajetória e os desafios vivenciados pelos surdos na concepção de alguns autores, como: Goldfeld (1997), Sacks (1990), entre outros, visando uma análise que possam possibilitar a compreensão dos embates, dúvidas e divergências que ainda são postas em relação ao processo educacional desta comunidade. O intuito é mostrar a importância dessas filosofias nos estudos sobre surdez e como, historicamente, foram utilizadas na educação dos surdos e levantar a reflexão acerca do sujeito surdo que está nos ambientes escolares e como devemos respeitá-lo. Desde meados dos séculos XVI até os dias atuais percebemos ainda a ignorância da sociedade diante a educação, diante da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e do próprio sujeito surdo, na visão de que os mesmos são incapazes, assim ressaltamos a importância do conhecimento para que possamos construir melhores práticas pedagógicas, pautadas na reflexão para não se repetir no futuro os erros do passado e seus equívocos.

Palavras-chave: Educação de Surdos, Inclusão, Identidade.

Introdução

A inclusão dos surdos nos dias atuais, principalmente no que se refere à educação, a acessibilidade e a falta de capacitação dos educadores para receberem esse público em espaços escolares, fazendo com que muitos fiquem angustiados com tamanhos desafios.

Em face de tantas possibilidades e a evidente escassez de pesquisas sobre as abordagens e métodos educacionais surgidos para os alunos com surdez, tem como objetivo de mostrar a importância da língua de sinais na educação dos surdos e os desafios vivenciados pelos mesmos. Essas análises buscam possibilitar a compreensão das divergências que ainda estão postas em relação ao processo educacional da atualidade, acolhendo o entendimento da relação existente entre a necessidade linguística e o desenvolvimento cognitivo.

Argumenta-se a importância dessa relação embora ainda muito longe da realidade, considerando a questão do processo de obtenção da realidade educacional dos alunos surdos,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

como o resultado adquirido do conhecimento tanto para o próprio aluno quanto para professores, a respeito da diversidade sociocultural e à educação inclusiva.

A inclusão do aluno surdo no ensino regular vem sendo abordada a partir de diferentes perspectivas, dentre elas os princípios da inclusão, a modalidade de ensino, a construção de uma nova língua, como a língua de sinais ou português. Todavia, apresenta-se como análise e discussão sobre a língua de sinais a execução da inclusão escolar, a formação, a interação e os aspectos envolvidos em tal problemática a partir da visão e da percepção de professores, e por estas consequências, é vista como as principais dificuldades citadas ora relacionadas aos próprios professores - à falta de conhecimento acerca do surdo, à dificuldade de interação com o surdo, ao desconhecimento de uma língua, como LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, ora ao sujeito surdo – a própria surdez e a dificuldade de compreensão que tais sujeitos apresentam na ótica dos professores. A relação da comunicação leva-nos a afetar a vida social, não só o indivíduo surdo, mas também dos pais, ouvintes, professores, gestores e agentes escolares que não conhecem bem a Língua de Sinais, como também elementos constituintes da sua cultura, levando estes a criar novas dinâmicas familiares que os ajudem na comunicação com o sujeito surdo.

Quando se fala da importância de conhecer a história de educação dos surdos, fala-se em valorizar mais a comunicação apresentando expectativas de conhecimento e de entendimento das barreiras do aluno surdo para aprender, mas não falamos apenas de interação entre as línguas, mas de conhecimento mútuo de culturas e também de desenvolvimento cultural de ambos no processo. Por essa consideração, não acrescenta uma ação prática e educativa, em geral, serve apenas para refletirmos e questionarmos diversos acontecimentos relacionados com a educação em várias épocas, por exemplo, por que atualmente apesar de se ter uma política de inclusão, o sujeito surdo continua excluído?

Este artigo trata-se, então, de uma pesquisa bibliográfica, visando mais conhecer como se processa hoje a discussão sobre língua de sinais na educação dos surdos. O intuito é mostrar a importância dessas filosofias nos estudos sobre surdez e como, historicamente, foram utilizadas na educação dos surdos e levantar a reflexão acerca do sujeito surdo que está nos ambientes escolares e como devemos respeitá-lo. A pesquisa bibliográfica será a alternativa metodológica trabalhada, com a construção qualitativa, através de livros, artigos e periódicos que possibilitou o diálogo com autores: Sacks (1990), Goldfeld (1997), Botelho (2002), Vygotsky (1997) e entre outros. Estas fontes além do instrumento principal a lei 10.436 de LIBRAS garantiram a fundamentação teórica necessária para o aprofundamento da temática.

Sendo assim, desenvolveu-se aqui uma perspectiva da educação do surdo, relatando a síntese

(83) 3322.3222
contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

da trajetória histórica do passado e o processo no presente. Verificou-se que, com o passar do tempo, o conceito que a sociedade produzia sobre os surdos, recusando-os de forma desleixado, jogou por terra, abrindo-se uma nova fase.

Processo histórico das concepções em relação ao sujeito surdo

Na Antiguidade, os Gregos viam os surdos como animais, pois, para eles, o pensamento se dava mediante a fala. Sem a audição, os surdos, na época, ficavam fora dos ensinamentos e, com isso, não adquiriam o conhecimento¹.

Entende-se que a história da educação dos surdos evoluía continuamente apesar de vários impactos marcantes, no entanto, vivemos momentos históricos caracterizados por mudanças, atos de agitação e crises, mas também de surgimento de oportunidades. Considerando que o processo de desenvolvimento de ensino e aprendizagem ocorre a partir da constituição da interação entre sujeito surdo e das ações de professor e aluno com os objetos do meio físico, a atividade é mediada pelos signos (orais, gestuais e escritos), que são construídos culturalmente dentro da sala de aula.

Assim, tentaremos explicar as questões envolvidas a esta pesquisa a partir dos espaços na educação escolar dos alunos surdos: Quais as contribuições no campo educacional para a compreensão acerca do processo de aprendizagem do sujeito surdo? Quais as adaptações teóricas e/ou metodológicas que possibilitam a aprendizagem plena, o letramento e a linguagem dos surdos? Será que estamos preparados para trabalhar a realidade cultural desses sujeitos?

Com o intuito de demonstrar como houve essa evolução histórica e desafios encontrados para que tivesse a prática educacional no ensino público regular a alunos com deficiência auditiva, discorreremos acerca desse processo, e pretendemos levantar reflexão sobre o agir docente mediante a biculturalidade do aluno surdo incluído dentro da sala de aula.

Perspectiva histórica da educação inclusiva para pessoas com surdez

A Educação Inclusiva vem sendo vista como uma inovação nas salas de aula, expandindo-se progressivamente em todo o contexto educativo com a tentativa de alcançarmos uma educação de qualidade para todos, tendo em vista que um número significativo de sujeitos surdos que passaram por vários anos de escolarização apresenta conhecimento para aspecto escolar muito inferior do desempenho de alunos ouvintes, apesar

¹ SILVA, Silvana Araújo. Conhecendo um pouco da história dos surdos. Londrina-PR, 2009, p.1
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de suas capacidades cognitivas iniciais serem semelhantes, embora muitos ainda desconheçam que a escola constitua uma verdadeira linguagem.

Concebendo uma visão histórica da educação do surdo, conforme o estudo realizado por Goldfeld (1997):

“A educação das pessoas surdas, por muitos anos, desenvolveu-se de forma preconceituosa. Houve um padrão consistente de evolução em que podemos dizer, que o que prevaleceu foi à desigualdade social. As pessoas deficientes eram destacadas por possuírem características divergentes daquelas instituídas pela sociedade. Por exemplo, utilizavam termos como, “excepcional” como se explicasse a diferença existente de um indivíduo para o outro”. GOLDFELD (1997, p.24)

Conforme se pode observar, a sociedade não enxergava até aonde os surdos poderiam chegar sobrevivendo à essa perspectiva histórica; não acreditava em uma possível e importante relação desses sujeitos com as pessoas ouvintes. Muitas mudanças foram alcançadas ao longo dos anos, novos conceitos surgiram e, a partir de um novo contexto, iniciam-se pesquisas e estudos sobre desenvolvimento do deficiente auditivo, não apenas linguístico, mas socialmente de diversas formas.

Nesse mesmo período, percebeu-se que a visão de que o surdo não merecia ser educado começa a mudar. Na Europa surgem, então, os primeiros educadores de surdos que, assim como na atualidade, criaram diversas metodologias para ensiná-los, utilizando-se da língua auditivo-oral nativa, língua de sinais, datilografia (alfabeto manual) e outros códigos manuais. Era frequente, na época, manter em segredo o modo como se conduzia a educação dos surdos.

O médico italiano Girolamo Cardano, um dos primeiros educadores surdos, por exemplo, afirmou que os “surdos-mudos” podiam ser postos em condições de “ouvir lendo e de falar escrevendo”. Segundo Soares (1999), Cardano afirmou que o surdo possuía habilidade de raciocinar, isto é, que os sons da fala ou ideias do pensamento podem ser representados pela escrita. Desta maneira, a surdez não poderia se constituir num obstáculo para o surdo adquirir o conhecimento, acreditando-se, também, no poder da escrita em suas vidas.

Outro fator importante que trata da convivência de docentes com a experiência educacional do surdo foi progredido pelo frade espanhol Pedro Ponce de Leon (1510 - 1584), que foi reconhecido como o primeiro professor surdo e atuava no mosteiro beneditino de São Salvador, em Oña. Revelava-se contrário à realidade da época, concebida por ideias falsas de médicos, religiosos e filósofos que proclamavam a inaptidão do sujeito surdo para aprendizagem. Observou-se que ele desenvolveu um processo de metodologia de ensino que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

utilizava o alfabeto manual (datilologia), a escrita, a linguagem e a oralização proferidos a surdos-mudos [...], criando uma escola de professores de surdos (SILVA et al, 2006). A linguagem visível, na forma de alfabeto visual, foi publicada por Juan Pablo Bonet, em 1620, no livro *Reducción de las letras y arte de enseñar a hablar a los mudos*, onde explica como exercitar o educando para a emissão dos sons (JANNUZZI, 2004).

Em 1750, na França, Charles Michel de L'Epée aprende com as pessoas surdas a língua de sinais, criando os "Sinais Metódicos". Percebe-se que grupos de surdos, segundo o abade, desenvolviam uma comunicação muito satisfatória por meio do canal viso-gestual.

Para Sacks (1990), L'Epée criou sua filosofia a partir da:

[...] linguagem de ação, uma arte metódica, simples e fácil, pela qual transmitia a seus pupilos ideias de todos os tipos e até mesmo, ousou dizer, ideias mais precisas do que as geralmente adquiridas através da audição. Enquanto a criança ouvinte está reduzida a julgar o significado de palavras ouvidas, e isto acontece com frequência, elas aprendem apenas o significado aproximado; e ficam satisfeitas com essa aproximação por toda a vida. É diferente com os surdos ensinados por L'Epée. Ele só tem um meio de transmitir ideias sensoriais: é analisar e fazer o pupilo analisar com ele. Assim, ele os conduz de ideias sensoriais a abstratas; podemos avaliar como a linguagem de ação de L'Epée é vantajosa sobre os sons da fala de nossas governantas e tutores.

Em seguida, L'Epée criou uma língua chamada Língua de Sinais como meio para o ensino de fala, o chamado “método combinado”. Em contraponto à proposta de L'Epée, segundo Goldfeld (1997), as metodologias de L'Epée e Heinick se confrontam e foram submetidas a análise da comunidade científica. Os argumentos de L'Epée foram mais fortes e com isso foram negados a Heinick recursos para ampliação de seu instituto.

O fato que mais marcou a história dos surdos foi a decisão adotada pelos educadores ouvintistas, em 1880, na cidade de Milão/Itália. Neste ano foi realizado o Congresso Internacional de Professores de Surdos, para discutir e avaliar três métodos rivais: língua de sinais, oralista e mista (LS e oral). Houve então, uma votação no dia 11 de setembro de 1880 —a favor dos métodos orais na educação de surdos. Dos 164 votos, apenas quatro eram contra; a partir desse dia a língua de sinais foi proibida oficialmente, pois a mesma destruía a habilidade da oralização dos sujeitos surdos.

Ainda segundo Goldfield (1997), o mais importante defensor do Oralismo foi Alexander Graham Bell, que exerceu grande influência no resultado da votação do Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em Milão no ano de 1880. No Congresso, foi colocado em votação qual método deveria ser utilizado na educação dos surdos. O Oralismo venceu e o uso da língua de sinais foi oficialmente proibido. Ressalta-se que foi negado aos professores surdos o direito de votar.

Graham Bell realmente não trouxe nenhuma contribuição significativa, quando falamos em qualidade de comunicação, para os surdos. Sua intenção era exclusivamente banir



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

qualquer forma de comunicação por sinais ou gestual entre os surdos, e realmente o fez, em sua escola os surdos eram obrigados a usarem apenas comunicação oral.

Tal descoberta deu impulso ao oralismo, que vigorou na educação do aluno surdo por um longo período. Até mesmo nos dias atuais encontramos escolas de educação de surdos que seguem essa perspectiva, ou mesmo para a sociedade atual ignorante das lutas que a comunidade surda teve até hoje para conseguirem ter direito a usar a sua língua nativa, a língua de sinais.

Segundo Goldfeld:

A filosofia da Comunicação Total tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos, e entre surdos e ouvintes. Essa filosofia também se preocupa com a aprendizagem da língua oral pela criança surda, mas acredita que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais, não devem ser deixados de lado em prol do aprendizado exclusivo da língua oral. Por esse motivo, esta filosofia defende a utilização de recursos espaço-visuais como facilitadores da comunicação.

Observamos que esta abordagem foi uma fase que deu espaço para a língua de sinais, assim como a independência da vida do surdo e sua inserção na comunidade surda e na sociedade, visto que não foi completamente segura devido à incompletude do ensino de outra forma de comunicação. O fato é de que o surdo poderia utilizar os mecanismos que misturou duas ou três formas de comunicação, não conseguia se especializar e aprender de maneira profunda sobre sua língua e todos os processos de uso de linguagem, como a fala e os sinais (bimodalismo), ficava dificuldade da aprendizagem dos surdos.

Conforme Goldfeld (1997), a partir da década de setenta, percebeu-se que a língua de sinais deveria ser utilizada independentemente da língua oral. Surge assim a filosofia Bilíngue, que dominou o mundo todo. Muitos falaram sobre a Educação Bilíngue, principalmente no Brasil entre as décadas 80 a 90 quando começou a ser usada em vários países, as experiências com educação bilíngue ainda estão no âmbito educacional muito pequeno, em que visam capacitar a pessoa com surdez para a utilização de duas línguas no cotidiano escolar e na vida social, como a língua de sinais e a língua portuguesa. Embora esta tenha apresentado avanços, a maioria dos surdos não conseguiu atingir níveis acadêmicos compatíveis (idade/série), pois os sinais apenas representavam recursos de auxílio da fala e não comprovavam desenvolvimento linguístico (LACERDA, 1998).

A história da educação de surdos, em 1874, teve o início com a fundação da primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto dos Surdos-Mudos, (...) cem anos depois, em 1957, esta escola passou a denominar-se Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(MAZZOTTA, 2005). Um professor surdo trouxe um “método combinado”, criado por L’Epee para desenvolver com o alfabeto manual francês e alguns sinais para surdos do Brasil.

Este método foi trazido pelo conde, sendo o currículo constituído por língua portuguesa, aritmética, linguagem escrita, articulada e leitura sobre os lábios, datilologia e sinais. Mais tarde, o conde apresentou o programa para educação de surdos e depois passaram a contar com alguns surdos com uma escola especializada, o que deu origem à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

A perspectiva inclusiva no desenvolvimento da educação do surdo: a língua de sinais e aquisição da escrita

Antes de iniciar esta discussão, torna-se essencial entender o conceito de linguagem, de acordo com Saussure (1999), que é conhecido como o pai da Linguística, explicou que a linguagem é formada pela língua e fala, sendo que, a língua é tida como um sistema de regras abstratas composto por elementos significativos inter-relacionados. Ou seja, a língua é o aspecto social da linguagem, já que é compartilhada por todos os falantes de uma comunidade linguística, e a fala é o aspecto individual da linguagem, são as características pessoais que os falantes imprimem na linguagem. Na comunidade de surdos, por exemplo, a língua utilizada é a Língua de Sinais (LS).

A Língua de Sinais passou a ser utilizada no Brasil a partir dos anos 90, então, a comunidade surda pode respirar mais aliviada, podendo se comunicar por meio da linguagem que lhe pertencia, uma linguagem latente. Antes desse período, a preocupação dos estudiosos era descobrir um modo para que os surdos desenvolvessem a linguagem, utilizando, para tal, métodos orais - auditivos que não contribuíram para o sucesso da pessoa surda, principalmente, aquela que se encaixasse no contexto da surdez profunda.

Começaram a surgir mais estudos sobre a Língua de Sinais e, com eles, as alternativas educacionais orientadas para uma educação bilíngue. O sujeito surdo, que têm oportunidade de adquirir a língua de sinais como língua natural dos surdos, demonstra melhores possibilidades de desenvolvimento cognitivo, emocional, social e acadêmico. Para Quadros (2006, p.160), “a Língua Brasileira de Sinais é uma linguagem espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua natural usada pela comunidade surda brasileira”.

De acordo com a Lei nº10. 436, tem sua definição a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) “como a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. É importante realizar um trabalho integrado entre família-escola-comunidade surda para promover esse processo.

A Língua de Sinais é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como meio de comunicação movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão. Portanto, ela é diferenciada da Língua Portuguesa de ouvintes que é uma língua oral- auditiva, porque na Língua Portuguesa utilizamos sons que são emitidos pela voz, que para um surdo é impossível de se perceber Nas Orientações Curriculares: A Língua Brasileira de Sinais tem, para as pessoas surdas, a mesma função que a Língua Portuguesa na modalidade oral tem para as ouvintes e é ela, portanto, que vai possibilitar às crianças surdas atingirem os objetivos propostos pela escola, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita.(PEREIRA, 2008, p.22)

Nessa esfera, a LIBRAS é compreendida como um instrumento necessário não só para a comunicação dos surdos, mas como uma conquista com vistas à sua inclusão social e cultural. Se bem que este reconhecimento tem acontecido tardiamente no Brasil em relação a outros países (Estados Unidos, França, Suécia, Uruguai), onde dez anos após a aprovação da referida lei, ainda é precário o seu reconhecimento.

A ausência da LIBRAS nos espaços públicos e de pessoas capacitadas para atender esse público e transformá-los em cidadãos respeitados e compreendidas pela sociedade, sobretudo na escola, onde o processo de ensino e aprendizagem não introduz a LIBRAS em uso corrente das práticas pedagógicas, visto que, não são colocadas em prática como disciplina no currículo. Vale ressaltar que, infelizmente, ainda é grande o desconhecimento, gerado por uma política de resistência, de omissão e de desvalorização e desrespeito ao estatuto linguístico da LIBRAS, quem dirá dos aspectos culturais próprios da comunidade surda brasileira.

Por esta realidade, os surdos consideram a LIBRAS como primeira língua, uma língua que não é adotada na maioria do país, mesmo oficialmente sendo reconhecida como a segunda língua do Brasil, em que se falta uma formação de docentes para ensinar alunos surdos e conseqüentemente o uso de procedimentos inadequados, fazendo na maioria das vezes confusão a cabeça do surdo, levando a uma regressão na aprendizagem, de acordo com Pedroso (2001), são alguns dos fatores que explica porque a maioria do surdo apresenta um quadro de fracasso escolar.

No entanto, eles reconhecem que, para a real implantação da política de educação especial na perspectiva da educação, destacando-se a proposta de financiamento para ampliação da oferta do atendimento educacional especializado complementar ao ensino regular, uma formação aos docentes onde todos se capacitem e pratiquem a LIBRAS como



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

uso essencial na sua sala de aula, sabemos que ainda existem muitas barreiras que ainda precisam ser rompidas e, por isso, o sistema deve trabalhar na direção de garantir condições adequadas de acessibilidade e de formação dos educadores, a fim de que a educação especial torne-se parte integrante da escola (BAPTISTA et al. 2008).

Atualmente, examinando a questão com relação ao processo de aquisição da língua de sinais, e o resultado do conhecimento adquirido na sociedade a respeito da LIBRAS, observa-se que o surdo vem alcançando um espaço de valorização de seu idioma.

Vygotsky (1997) consigna a necessidade de proporcionar ao aluno especial uma educação semelhante à das crianças ditas “normais”. Nessa perspectiva, o professor deve buscar caminhos alternativos de ensino que estejam de acordo com as necessidades do aluno surdo. O autor sugere que, por meio de recursos especiais, o professor mobilize as forças compensatórias desse aluno. Também ressalta o papel determinante do professor na mediação em sala de aula, a qual possibilita ao aluno a aquisição de conceitos, bem como o papel da escola, que é onde deve acontecer a articulação dos conceitos cotidianos com os científicos.

A partir da sua inclusão na escola, cuja instituição trabalha com o conhecimento sistematizado e tem uma intencionalidade declarada, portanto, é responsável por repassar aos alunos o conhecimento acumulado historicamente pelos homens, independente de quem sejam esses sujeitos, surdos, ouvintes, jovens, adultos e dentre outros.

Goldfeld (1997), constatando com base de que a criança não nasce com o pensamento conceitual, o qual é aprendido nas suas relações sociais, nos seus contatos com o adulto, por meio da linguagem. A linguagem é o sistema simbólico mais elaborado e, por meio dela, a criança tem acesso ao conhecimento socialmente acumulado. As crianças surdas devem ter acesso o mais cedo possível ao aprendizado da língua de sinais. Quando adquire uma língua, a criança pode trocar ideias, entender as coisas que se passam em seu entorno e constituir a sua linguagem.

Oliveira (1997), ainda de acordo a concepção de Vygotsky (1997), diz que a linguagem faz parte de uma ação e utilização dos recursos semióticos, como a pantomima, o desenho, a escrita, os sinais, os gestos ditos naturais, a dramatização, a língua oral, e mais amplo importância da mediação no processo ensino-aprendizagem. Para a autora, a relação entre a função psíquica e a realidade não é direta e sim mediada por instrumentos e signos ou de uma imagem simbólica. Os instrumentos são concretos e regulam as ações externas do sujeito e o objeto do seu trabalho, enquanto os signos são auxiliares internos e agem sobre o psiquismo.



Considerações Finais

O conhecimento da língua de sinais e a disseminação da cultura surda pelo professor é um foco importante para a efetivação de práticas pedagógicas que devem considerar a diferença linguística e cultural dos alunos surdos. Além disso, é importante buscar metodologias de ensino que atendam a necessidade linguística desses alunos, buscando estratégias de ensino da língua portuguesa de acordo com o ensino de uma segunda língua, ou seja, o bilinguismo.

Para tanto, a expectativa da Educação Inclusiva, a formação do professor que vai além no que visa qualificar e aperfeiçoar a prática pedagógica para trabalhar com surdos em sala de aula, considerando metas a serem atingidas, e também respeitando as práticas culturais de um povo, como a comunidade surda, que lutou e ainda luta até hoje em busca de seus direitos.

Através dessa intervenção histórica acerca da história da educação dos surdos, pode-se observar que há a necessidade de compreender a pessoa surda, garantindo a este o direito de oportunidades educacionais e sociais de qualidade. Leva em consideração de que a língua de sinais fornece à pessoa surda um desenvolvimento pleno como sujeito, e que estes se esforçaram para ter o direito de usar esta língua própria adotada na Educação Bilíngue na escola. Portanto, nesse contexto educacional, aceita-se a diferença do outro, não apenas linguística, mas também cultural.

Referências

BAPTISTA, C. R. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. In: **Revista Inclusão: Revista da Educação Especial**. Brasília. V. 04, nº 01 (jan/jun. 2008), p. 18-32.

BRASIL. **Deficiência Auditiva**. Brasília: MEC/SEESP, 1997. (Série Atualidades Pedagógicas).

FENEIS. (s.d.). Disponível em: <http://www.feneis.com.br>. Acesso em: jul. 2010.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus editora, 2002.

_____, Márcia. **Linguagem e cognição numa perspectiva sócio- interacionista**. São Paulo. Plexus. 1997.

JANNUZZI, G. S. M. A. **Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004, 243p.

LACERDA, C.B.F.de. A prática fonoaudiológica frente as diferentes concepções de linguagem. **Revista Espaço, Instituto de Educação de Surdo**, v.10, p.30-40, 1998.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, M. K; VYGOTSKY, L. S.: **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PEDROSO, C.C.A. **Com a palavra o surdo: aspectos do seu processo de escolarização**. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2001.

PEREIRA, M. C. da C.(org) **Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil e Ensino Fundamental**. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2008.

SACKS, O. **Vendo Vozes: uma Jornada pelo Mundo dos Surdos**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SILVA, V. et al. Educação de surdos: Uma Releitura da Primeira Escola Pública para Surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. M. (Org). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p.324.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas V. Fundamentos da Defectologia**. Madrid: Visor Distribuciones, 1997.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.